

DÓLAR CAI COM JUROS EM 39%

MOEDA NORTE-AMERICANA CEDE E FICA EM R\$ 1,92 NA PRIMEIRA BAIXA DESDE A LIBERAÇÃO DO CÂMBIO

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**
Com agências

São Paulo — O dólar começou o dia ontem valendo a R\$ 2,02, chegou a bater em R\$ 2,05, mas foi recuando à tarde — a maior baixa ficou em R\$ 1,89 — e estabilizou em R\$ 1,92. Para chefes de mesas de câmbio de bancos e corretoras, foi importante que as oscilações voltassem a níveis mais racionais, depois da histeria da sexta-feira. Poucos analistas, porém, acreditam que a cotação encontrará o ponto de equilíbrio neste mês, que ainda será marcado por dúvidas relativas ao ingresso de capitais estrangeiros. “O dólar em fevereiro será definido pelas saídas previstas de US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões (dívidas e pagamentos de importações) e a entrada de moeda a cargo de exportadores e investidores estrangeiros no mercado de ações”, comentou Edson Barbosa, chefe da mesa de câmbio do Lloyds Bank.

Depois de duas semanas de constantes altas, o dólar caiu pela primeira vez desde que o governo adotou no dia 15 o regime de câmbio flutuante. No fechamento, a cotação de venda ficou em R\$ 1,92 contra R\$ 2,10 da sexta-feira — queda de 8,57%. Forte entrada de divisas, próxima a US\$ 100 milhões, que teria sido efetuada por um banco de Nova York, ajudou na valorização do real. Mas o principal motivo para a queda da moeda norte-americana foi a decisão do Banco Central de elevar os juros de 37% para 39% (0,5% acima das previsões) nas operações de *overnight* com títulos federais. Com a medida, o BC mostrou ao mercado que usará a política

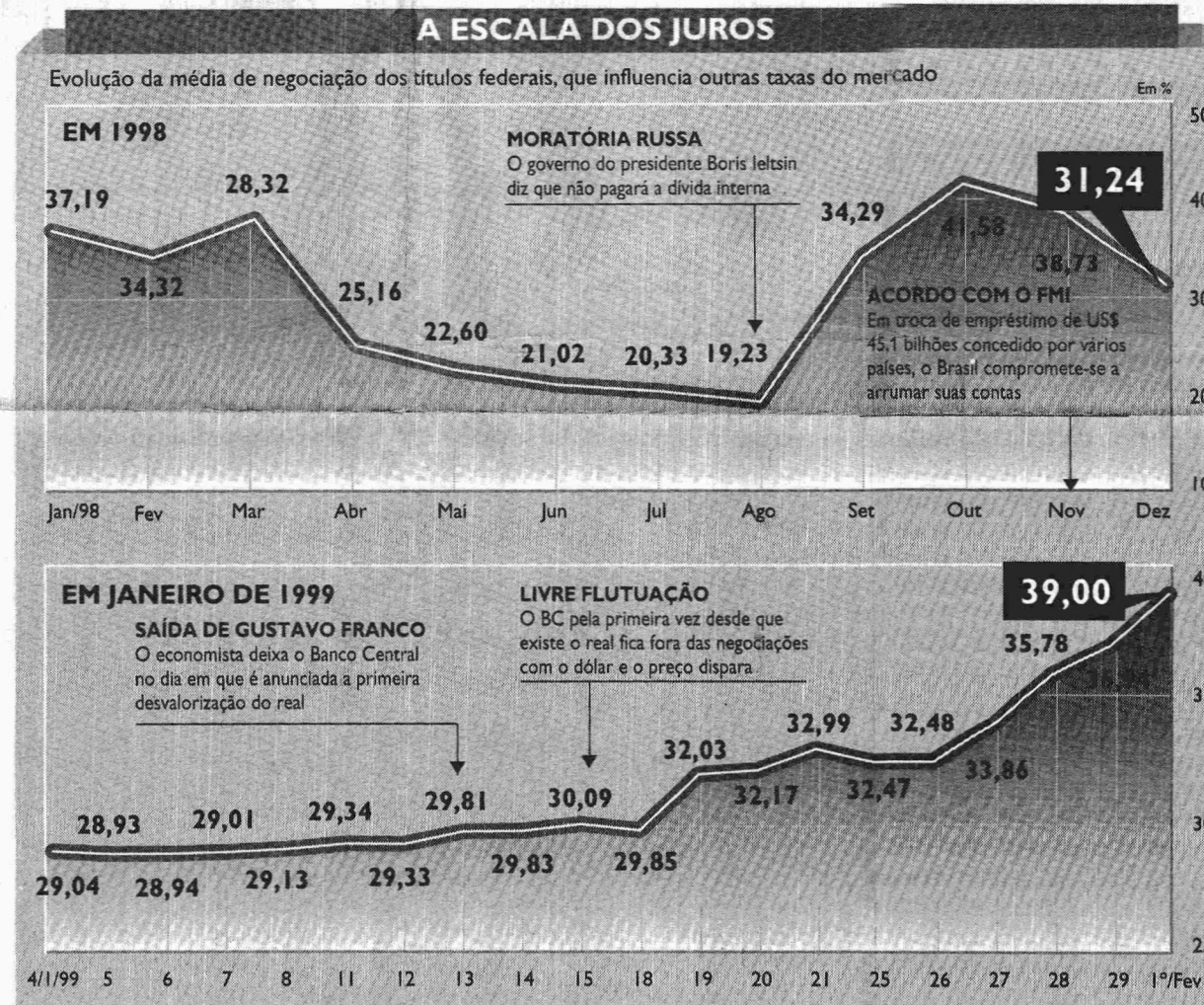
monetária (as taxas vinham subindo desde o dia 19 de janeiro) para conter a inflação, seguindo orientação do Fundo Monetário Internacional (FMI), o que agradou o mercado. “Isso mostrou que o governo está em harmonia com as orientações do Fundo. Na atual circunstância, é imprescindível essa sintonia, pois com ela o País terá apoio internacional para vencer a crise cambial”, afirmou um administrador de fundos de um banco com forte presença em Londres.

BOLSAS

De acordo com o Banco Central, a média dos negócios com o dólar comercial na venda, medidos pela taxa ptax, ficou em R\$ 1,9638, 0,98% abaixo da média apurada na sexta-feira, de R\$ 1,9832. Desde o dia 12 de janeiro, véspera da saída do ex-presidente do BC, Gustavo Franco, o câmbio subiu 62,1%. No mesmo período, a desvalorização do real frente ao dólar chegou a 38,3%.

A Bolsa de Valores de São Paulo subiu 8,8%, com um volume de R\$ 566 milhões. A Bolsa do Rio de Janeiro fechou com alta de 6,6%, movimentando R\$ 43,4 milhões. Os papéis da dívida externa, os *bradies*, acompanharam o clima positivo. Às 18h40, o IDU, com vencimento em março de 2000, subia 7%, pulando para 84% do valor de face. O C-bond, o bônus mais negociado pelos países em desenvolvimento, estava em 56,5% do valor de face, uma elevação de 2,5%.

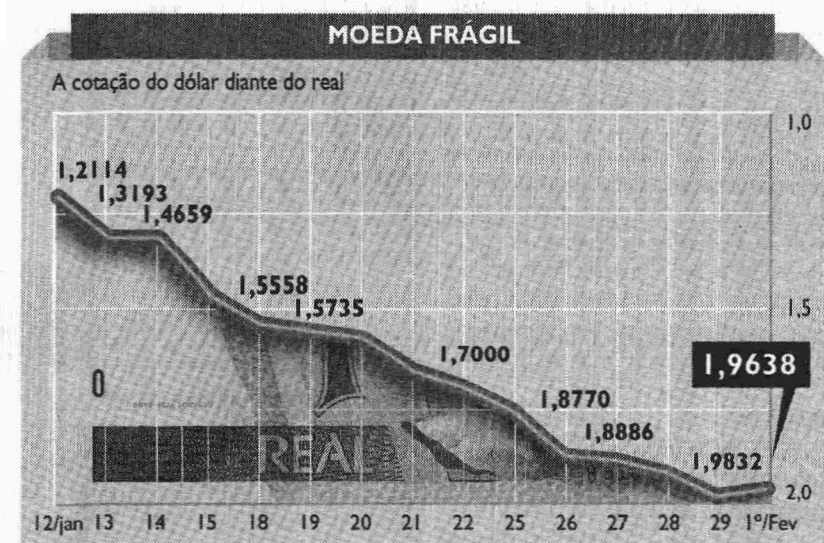
Colaborou também para o clima de otimismo espalhado pelo mercado a notícia de que Stanley Fischer, o segundo homem mais importante do Fundo Monetário Internacional (FMI), chegaria ontem a Brasília pa-



ra participar das negociações entre o governo e aquele organismo. “Se Fischer veio pessoalmente ao Brasil, significa que o Fundo está sinalizando que poderá ser flexível e, quem sabe, adiantar os US\$ 9 bilhões previstos para serem repassados no final do mês”, analisou diretor de um banco europeu. “Ao acertar uma estratégia de intervenção no câmbio com o FMI, o país contará com um

aval de grande peso para controlar o excesso de especulação”.

Na avaliação dos especialistas, os US\$ 9 bilhões serão fundamentais para o Banco Central voltar a atuar com liberdade no câmbio, pois as reservas pulariam para US\$ 45 bilhões. Ontem o BC anunciou que tem US\$ 36,116 bilhões entre moeda disponível no curto prazo e créditos de médio e longo prazo (conceito de



liquidez internacional), incluindo a primeira parcela do acordo com o FMI, de US\$ 9,3 bilhões. Segundo o Banco Central, este nível de reservas é o mesmo de 15 de janeiro.

Desde então, o BC não tem atuado (ou atuado só discretamente), sendo a cotação diária do dólar fixada livremente pelos bancos. A divulgação diária do nível das reservas internacionais do País foi anun-

ciada pelo presidente do BC, Francisco Lopes, na sexta-feira passada como forma de tranquilizar o mercado. De acordo com Francisco Lopes mesmo que o BC venha a optar por uma regra de intervenção implícita no mercado de câmbio, os bancos sempre saberão o nível de atuação pelo simples acompanhamento das reservas.

O conjunto de notícias positivas começaram a reverter as expectativas dos investidores em relação aos rumos da economia para os próximos meses, refletidas nos juros futuros. As taxas para fevereiro desceram de 61,9% para 52,7%. A cotação para março baixou de 59,8% para 50,8%.

O terremoto pode ter passado, o volume de exportações está aumentando e parece até que houve entrada de recursos, observou um operador. Se houve ingresso ou não, o País só ficará sabendo dentro de alguns dias, porque desde ontem o BC deixou de divulgar as informações sobre o movimento diário de entrada e saída de dólares.

Junto com a divulgação do nível das reservas internacionais, o Banco Central deixou de informar ontem o fluxo diário do mercado de câmbio. A desculpa do Banco Central para a medida foi que os registros de fluxos, que vinham sendo negativos, estavam sendo equivocadamente interpretados como perda de reservas internacionais.

Dados parciais obtidos na sexta-feira indicam que o Banco Central deixou de divulgar os números diários do mercado de câmbio justamente no dia em que ele seria positivo. Pelos dados obtidos com bancos, o fluxo no câmbio comercial foi positivo na sexta-feira em US\$ 326 milhões.